

MULTICURALISMO: REPENSANDO ABORDAGENS CULTURAIS NAS ESCOLAS ATRAVÉS DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

JÉFERSON LUIS DIAS DA SILVA¹; LIZIANE ALDRIGHI LEMOS²; VERONICA DE LIMA³; KELLY WENDT⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – emaildejeferson@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lizilemos@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – veronicadelimamf@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta atividade foi desenvolvida na E.M.E.F. Dr. Mário Meneghetti, por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência das Artes Visuais vinculado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Este estudo tem como objetivo trabalhar o multiculturalismo e as questões pertinentes a esta concepção de cultura plural, na qual a cultura indígena está inserida embora sofra de recorrente apagamento no contexto escolar devido a reprodução e caráter homogeneizador da educação.

É sabido que, apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo. Na relação do país consigo mesmo é comum prevalecerem vários estereótipos, tanto regionais quanto em relação a grupos étnicos, sociais e culturais. Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O país evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por "mitos" que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta "democracia racial" (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, vol. 10: 22 apud MOREIRA, CANDAU, 2008, pág.18).

Assim, vemos a importância no modo em como é abordado o multiculturalismo nas escolas, tratando-se do lugar propício ao estímulo de diálogos, para a troca de significados e relações entre conceitos. Conforme sustenta Hernández (2000), o estudo da cultura cotidiana promove a possibilidade de aprendizagem e interpretação de múltiplos pontos de vista, favorecendo a conscientização sensível e crítica acerca de si mesmos e do mundo que fazemos parte.

Neste estudo foi trabalhado com a turma de EJA- Educação para Jovens e Adultos, em que buscou-se analisar preconceitos e estereótipos que já haviam estabelecido sobre a cultura indígena e a partir de suas visualidades foi desenvolvido atividades que desconstruísem esses modos de ver e pensar.

2. METODOLOGIA

Analisamos três atividades desenvolvidas na sala de aula pertencentes ao eixo de cultura indígena, que ocorreram por um longo período. O início foi dedicado a análise e percepções acerca da bagagem pessoal. Neste momento foi lançada a oportunidade de reflexão e exposição através de mapas, escritas e desenhos (Figura 1, 2) no que se entende sobre os índios.

No segundo momento foi assistido um documentário: “Índios Somos Nós”, produzido pela TV Brasil, edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, na cidade de Palmas, em que mostra as várias etnias indígenas e suas manifestações culturais, nas quais, são mantidas, mas conseguem percorrer e se adaptar as outras culturas, principalmente as pertencentes a cidade.

A última etapa foi elaborada uma apresentação com imagens de grafismos e pintura corporal com seus significados e sua utilidade dentro da cultura indígena. Foi proposto aos alunos que esboçassem um símbolo, que exista ou não, e atribuir-lhe um significado, permitindo refletir a sua própria identidade. Após a finalização da parte inicial, o rascunho, foi apresentado a técnica do estêncil, com o auxílio de slides, para então propor uma composição, com o símbolo esboçado anteriormente (Figura 3, 4).

Construímos a ideia de propor um espaço de reflexão sobre simbologias e escritas contemporâneas, presentes na cidade-bairro, de que além das formas e o estético, são ricos em significados. Foram utilizados materiais como papel cartona para as formas vazadas, tesouras e estiletes para os recortes, tinta guache, esponjas, pinceis, etc. para a realização das atividades.

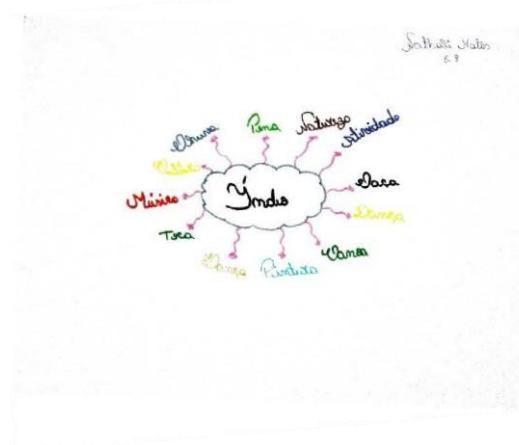


Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar as atividades iniciais como mapa conceitual, textos e desenhos foi percebido estereótipos relacionados a um índio “pré-histórico”, o qual tem sua imagem atrelada a um homem recluso em sua tribo sem civilidade, que vive distante das tecnologias e sua subsistência advém exclusivamente da terra em que reside, possibilitando diagnosticar na ação presente um certo preconceito generalista ligado as imagens de etnias indígenas tanto no passado como na contemporaneidade. Visto que o assunto não é muito abordado nas práticas escolares, havendo uma educação de caráter homogeneizador, em que normalmente há uma negligência em tratar de questões multiculturais, por se tratar de como se deu a própria formação histórica do Brasil. Assim como Moreira e Candau afirmam:

Os processos de negação do "outro" também se dão no plano das representações e no imaginário social. Neste sentido o debate multicultural na América Latina nos coloca diante da nossa própria formação histórica, da pergunta sobre como nos construímos sócio culturalmente, o que negamos e silenciamos, o que afirmamos, valorizamos e integramos na cultura hegemônica. À problemática multicultural nos coloca de modo privilegiado diante dos sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje afirmindo suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão (MOREIRA, CANDAU, 2008, pág. 17).

Partindo destas indagações, procurou-se despertar nos alunos um olhar e um posicionamento crítico a respeito da cultura indígena. Durante as práticas, duas em específico, despertou mais a atenção nos alunos, a primeira foi quando no documentário Índios Somos Nós é apresentado o momento em que a menina menstrua pela primeira vez e é feito uma cerimônia para mostrar a transição de menina para mulher, e a partir de então elas estão prontas para casar-se. A segunda foi durante a apresentação de grafismos e as diferentes pinturas corporais

indígenas em que os mesmos teriam que criar um símbolo existente ou não e atribuir um significado.

Durante estas atividades foi percebido vários questionamentos por parte dos alunos, principalmente reflexões sobre práticas pertencentes a outras culturas. Os posicionamentos a respeito destas práticas são formados a partir de sua cultura ao pré-julgar outras construções culturais, demonstrado através dos recortes obtidos em sala de aula como nossa sociedade comumente reage diante das diferenças e até mesmo das similaridades entre as culturas.

A importância dos símbolos presentes nas sociedades indígenas não é mera questão estética pois são elementos de comunicação, identidade, etnia e de toda uma relação com o mundo. Bem como em nossa sociedade onde alguns símbolos não tem grande apelo ou motivação estética, mas sim a intencionalidade de comunicar algo por meio de um sujeito que se destina a um determinado público alvo.

4. CONCLUSÕES

Portanto é possível perceber a partir das atividades e estudos, que o multiculturalismo deve ser mais explorado nas práticas educativas nas escolas, principalmente no contexto da arte-educação que permite, por meio de suas práticas, trabalhar com a subjetividade, reconhecimento e alteridade dos estudantes.

Essas metodologias colaboram para que os estudantes percebam e compreendam as características individuais e comportamentos que vem do coletivo procurando articular com abordagens que lidam com a diferença e a diversidade no contexto cultural.

Notou-se que quando trabalhado a cultura indígena na escola com práticas artísticas, os alunos estabeleceram relações, partindo de suas vivências que geraram atravessamentos entre as culturas, para entendê-las e (re) significá-las.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERNÁNDEZ, F.; **Cultura Visual – Mudança Educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M.; **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.